

A ARTE COMO ESTRATÉGIA DE LUTA PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA

Lenha Aparecida Silva Diógenes¹
Josefa Jackline Rabelo²
Cristiane Porfírio de Oliveira do Rio³

Resumo

O presente texto é fruto de nossas pesquisas e das discussões travadas no interior da linha de pesquisa Educação, Estética e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará – UFC. Esse estudo tem como objetivo analisar o lugar da arte, enquanto estratégia no processo de resistência da classe trabalhadora. Aqui, articulamos o complexo da arte na luta contra a sociedade regida pela exploração do homem pelo homem, sob a égide do capital. Diante do atual momento histórico em que prevalecem a lógica do capital e a lógica do mercado, é necessário emprendermos esforços, perspectivando a luta contra as usurpações do capital. Para tanto, faz-se urgente unificarmos a classe trabalhadora em ações que tenham como principal alvo a defesa dos direitos sociais e das liberdades democráticas, com vistas à emancipação humana. Nesse sentido, a arte, enquanto importante fonte ontológica de recuperação do real, tem possibilitado a produção de conhecimentos indispensáveis para o processo de humanização e de fortalecimento da classe trabalhadora, ainda que o acesso a esse conhecimento, na sociabilidade capitalista, seja restrito a uma parcela do conjunto da humanidade. Tais reflexões serão cotejadas à luz dos estudos de Marx (2010,2013), Engels (1979) e de Lukács (1966, 2016) bem como por autores contemporâneos, que se debruçam sobre a presente temática e contemplam, em seus estudos, as discussões sobre a crise estrutural do capital e seus rebatimentos na formação estética da classe trabalhadora, a exemplo de Mészáros (2011) e Santos (2017, 2018). Nossas pesquisas nos permitem concluir que no campo da arte ainda existem “ilhas esplêndidas da cultura humana” (LUKÁCS, 2016, p. 175).

Palavras-chave: A arte e a formação dos sentidos. Estratégias de resistência. Emancipação humana.

¹Licenciada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: lenhadiogenes@gmail.com

²Licenciada em Pedagogia, Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Pós-Doutora pela École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHSS – Paris/França. E-mail: jacklinerabelo@gmail.com

³Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: cristiane.porfirio@uece.br

EL ARTE COMO ESTRATEGIA DE LUCHA POR LA EMANCIPACIÓN HUMANA

Resumen

El presente trabajo es proveniente de las pesquisas y de las discusiones desarrolladas en el grupo de investigación Educación, Estética y Sociedad del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Ceará (UFC). Este estudio tiene como objetivo analizar el lugar que ocupa el arte como estrategia en el proceso de resistencia de la clase trabajadora. Se articula la complejidad del arte en la lucha contra la sociedad que sigue un régimen de explotación del hombre por el hombre, bajo la protección del capital. Se destaca que, en el actual momento histórico, donde prevalecen el capital y el mercado, se hace necesario unir esfuerzo a fin de que se luche contra las usurpaciones del capital. Para tanto, la unión de la clase trabajadora se hace necesaria en acciones que tengan como principal punto la defensa de los derechos sociales y de las libertades democráticas, con el propósito de la emancipación humana. En este sentido, el arte, mientras fuente de investigación del propio ser humano y de la recuperación de la realidad, posibilita la producción de conocimientos indispensables para el proceso de humanización y de fortalecimiento de la clase trabajadora, aunque el acceso a ese conocimiento, en la sociedad capitalista, sea restringido a una parcela del conjunto de la humanidad. Las reflexiones mencionadas se basan en los estudios de Marx (2010,2013), Engels (1979) y de Lukács (1966, 2016), así como también de autores contemporáneos, que versan sobre la temática mencionada y presentan, en sus estudios, las discusiones sobre la crisis estructural del capital y sus rebatimientos en la formación estética de la clase trabajadora, como, por ejemplo, Mészáros (2011) y Santos (2017, 2018). Las pesquisas permiten concluir que en el campo del arte aún existen “islas espléndidas de la cultura humana” (LUKÁCS, 2016, p. 175).

Palabras clave: El arte y la formación de los sentidos. Estrategias de resistencia. Emancipación humana

Introdução

A arte, enquanto produto social, forma os sentidos humanos. É através do trabalho que o processo de humanização e aperfeiçoamento dos sentidos se desenvolve e é estabelecido nos seres sociais. A partir de Marx, depreendemos que o trabalho é, para o gênero humano, a gênese de uma nova esfera do ser, distinguindo-se, radicalmente, do ser apenas natural e fornecendo o modelo genérico da práxis humana.

No atual momento histórico, sob a égide do capital, prevalecem a lógica do mercado e a sociedade é regida pela exploração do homem. Diante desse quadro, é necessário emprendermos esforços, perspectivando a luta contra as usurpações do capital, pois por mais que os sentidos humanos tenham sido aperfeiçoados, com o decurso da história humana, na sociabilidade cindida em classes, o sentido humano tornou-se se para ele apático, fadado à negação da faculdade do sentir.

Nessa linha de raciocínio, buscamos analisar a formação dos sentidos da classe trabalhadora, dentro do atual contexto de crise do capital, considerando-a como importante instrumento na luta pela emancipação humana. A investigação adota como método de análise o materialismo histórico-dialético e caracteriza-se como uma pesquisa teórico-bibliográfica.

A arte e a formação dos sentidos

Nossa discussão tem como norte a compreensão ontológica marxiana-lukacsiana sobre a constituição do homem enquanto ser social, histórico. Entendemos, dessa forma, que os homens produzem os seus meios de vida e, ao produzi-los, distinguem-se dos outros animais. Ao transformar a natureza, através do trabalho, os homens produzem a base material da natureza e da sociedade, modificando sua existência. Marx (2013, p. 255) assegura que:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla o metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza.

Ao criar algo novo, através do trabalho, os homens dão o salto ontológico, saindo da natureza, superando seus próprios limites e produzindo a vida material e a si mesmos. Nessa determinação onto-histórica da transformação da natureza, pelo trabalho, o indivíduo adquire conhecimentos, habilidades e ferramentas que antes não possuía, libertando-se, dessa forma, do determinismo biológico. Enquanto categoria fundante do ser social, o trabalho possui relativa autonomia e mantém uma relação de dependência ontológica com os demais complexos sociais, mantendo uma inter-relação do homem com a natureza orgânica e inorgânica. Nessa inter-relação, configura-se a passagem do ser biológico ao ser social. De acordo com Lukács (2013, p.44):

Somente o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter de transição: ele é, essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica (ferramenta, matéria-prima, objeto do trabalho etc.) como orgânica, inter-relação que pode figurar em pontos determinados da cadeia a que nos referimos, mas antes de tudo assinala a transição, no homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social.

Nesse sentido, a arte é percebida à luz do trabalho e das formas de consciências a partir dele. Faz-se necessário, portanto, compreendermos que a arte, para Marx e Engels, assume um papel histórico, revolucionário. “A perspectiva marxista leva, pois, à valorização da riqueza de ideias na arte como um processo positivo do conhecimento artístico” Konder (2013, p.40). Humanizar os sentidos, nessa linha de raciocínio, passa necessariamente pela construção de outro tipo de sociedade, pois é impossível ao homem subjugado pelas necessidades do cotidiano, construir essa sensibilização humana. A partir desse pressuposto, Marx advoga que o processo de formação dos sentidos, enquanto constructo histórico desses homens, em uma determinada época, é um produto do desenvolvimento histórico-social. Assim:

O olho tornou-se olho *humano*, assim como o seu objeto tornou-se objeto social, *humano*: objeto que flui do homem para o homem. Os *sentidos* se tornaram, por conseguinte, diretamente *teóricos* em sua prática. Relacionam-se com a *coisa* por causa da coisa, mas a própria coisa é uma *relação humana* objetiva para si e para o homem. [...]. Do mesmo modo, os sentidos e gozos de outros homens se tornaram minha apropriação *própria*. Ademais, além desses órgãos diretos, surgem órgãos sociais, na forma de sociedade; assim, por exemplo, a atividade em associação imediata com outros etc., converteu-se em órgão da minha exteriorização de vida e em um mundo de apropriação da vida *humana* (MARX, 2010, p. 109, grifos do autor).

O fazer-se humano do ser social está intimamente relacionado às necessidades de sobrevivência. O voo para além da simples adaptação à natureza caracterizou, no ser puramente biológico, o salto ontológico, articulando dialeticamente subjetividade e objetividade. Engels (1979, p 216) assegura que, independente do intervalo de tempo transcorrido, esse passo foi determinante, pois, “[...] a mão humana tinha sido liberada e poderia sem cessar, ir adquirindo novas habilidades, sendo que a maior delas, assim alcançada, podia ser herdada e melhorada de geração em geração”.

O mundo humano é fruto de complexas relações sociais, cuja gênese repousa no trabalho e se estende na construção de outros complexos humanos. No processo do trabalho, a mão humana foi lapidada, tornando-se órgão por excelência da realização dessa atividade laboral e produto da mesma. Dessa maneira:

[...] a mão não é somente o órgão do trabalho: *é, igualmente, um produto deste*. Somente pelo trabalho, por sua adaptação a manipulações sempre novas, pela herança do aperfeiçoamento especial assim adquirido, dos músculos e tendões (e, em intervalos mais longos, dos ossos; e, pela aplicação sempre renovada, desse refinamento herdado, a novas e cada vez mais complexas manipulações), a mão humana alcançou esse alto grau de perfeição por meio do qual lhe foi possível realizar a magia dos quadros de Rafael, das esculturas de Thorvaldsen, da música de Paganini (ENGELS, 1979, p. 217, grifos do autor).

A humanização dos sentidos é uma tarefa exclusiva do homem, que enriquece o gênero humano, mas que só é possível à medida que o homem percebe o objeto, pois segundo Marx (2010):

[...] (é) apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana que a riqueza da sensibilidade *humana* subjetiva, que um ouvido musical, um olho para a beleza da forma, em suma as fruições humanas todas se tornam *sentidos* capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais *humanas*, em parte recém cultivados, em parte recém engendrados. Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra o sentido *humano*, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do seu objeto, pela natureza *humanizada*. A *formação* dos sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui (p.110, grifos do autor).

[...]O olho se tornou *humano*, da mesma forma como o seu *objeto* se tornou um objeto social, *humano*, proveniente do homem para o homem. Por isso, imediatamente em sua práxis, os *sentidos* se tornaram *teóricos*. Relacionam-se com a *coisa* por querer a coisa, mas a coisa mesma é um comportamento *humano objetivo* consigo própria e com o homem, e vice-versa (p.109, grifos do autor).

Assim, a arte apresenta à condição humana uma encenação historicamente concreta de suas atribuições. Quando o passado da humanidade é revisitado, por meio do produto artístico, alcançamos o que Lukács registrou como memória e autoconsciência da humanidade de sua condição genérica, na qual se encontra a peculiaridade da arte como forma de reflexo da realidade humana, revelando o que é essencial à vida humana, em todas as épocas. O caráter universal humano se expressa em uma obra particular. Para Santos (2018, p. 254), o elemento estético é:

[...] em realidade sensívelíssimo e encontra-se documentado por inúmeros dados históricos. Cada vez que se é possível conhecer a personalidade privada dos grandes artistas consagrados pelo curso da história da arte, observa-se que a individualidade objetivada nas obras é idêntica e, ao mesmo tempo, não idêntica à personalidade privada do criador de cada caso estudado, e que esta se supera, categorialmente, do modo acima descrito.

A fruição estética advinda das experiências artísticas, que refletem a realidade humana amplia as vivências do cotidiano e constitui uma totalidade que, segundo Santos (2017, p. 40) “[...] soergue o ser social, elevando-o da imersão do cotidiano, alçado pelas mãos de um processo catártico, a um nível destacado de humanização”. Importa, porém, lembrar que para “[...]o homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum *sentido* para o mais belo espetáculo [...]” Marx (2010, p.110, grifos do autor). A lógica inumana da sociedade capitalista desconecta os sentidos humanos, dificultando o acesso dos indivíduos à riqueza das objetivações superiores.

A arte no contexto de crise do capital

Considerando a gravidade dos problemas sociais vividos pelo conjunto da humanidade, o atual momento histórico é terrivelmente bárbaro. Nesse sentido, importa contextualizarmos a discussão à luz da crise estrutural do capital.

Desde a década de 1970, o mundo do trabalho enfrenta uma grave crise que, segundo Mészáros (2011, p. 32), é a maior desde o nascimento da classe trabalhadora e atinge por completo o conjunto da humanidade, operando profundas mudanças no modo como o metabolismo social é controlado. Nas palavras do autor mencionado “[...] a questão é que o capitalismo experimenta hoje uma profunda crise, impossível de ser negada por seus porta-vozes e beneficiários”.

As condições objetivas da vida humana e o desenvolvimento da mesma estão imersos em um caótico desenvolvimento do modo de produção capitalista, afetando o planeta, as relações humanas e produzindo, em escala crescente, a barbárie. Em linhas gerais:

O que hoje estamos vivenciando não é apenas uma crescente polarização – inerente à crise estrutural global do capitalismo atual –mas, igualmente, o que multiplica os riscos de explosão, o colapso de uma série de válvulas de segurança que cumpriam um papel vital na perpetuação da *sociedade de mercado* (MÉSZÁROS, 2011, p. 48, grifos do autor).

Os aspectos conjunturais dessa crise envolvem o irracionalismo, o fundamentalismo e o ultraliberalismo, advogados de um projeto social voltado para a manutenção do conservadorismo das classes dominantes e dos interesses particulares da burguesia. Nesse cenário, o ser social, imerso na alienação e no estranhamento, vê as condições mínimas de manutenção e existência da vida negadas, enquanto o capital avança, fragmentando o homem e seu mundo.

No decurso do desenvolvimento humano, a função do controle social foi alienada do corpo social e transferida para o capital, que adquiriu assim o poder de aglutinar os indivíduos num padrão hierárquico estrutural e funcional, segundo o critério de maior ou menor participação no controle da produção e da distribuição. Ironicamente, porém, a tendência objetiva inerente ao desenvolvimento do capital em todas as esferas traz consigo resultados diametralmente opostos ao interesse do capital, já que a propensão é a de fragmentação mecânica do processo de trabalho [...] e do “tempo livre” restrito a poucos privilegiados à produção em massa de uma bomba social, na forma de “lazer”, em escala universal [...] (MÉSZÁROS, 2011, p. 55, grifos do autor).

Sob a égide das relações sociais capitalistas, essa crise, por não se configurar como uma crise cíclica, e sim como uma crise estrutural do próprio sistema, exige da classe trabalhadora a importante tarefa de organização em torno do trabalho livremente

associado/emancipado, sob pena da completa destruição da atividade especificamente humana, frente à violenta investida do capital.

A burguesia, numa luta desesperada para preservar seus interesses, reduz o valor da força de trabalho, através de um conjunto de medidas, tais como: ajustes fiscais, supressão de direitos, corte de recursos para os problemas sociais e diminuição dos salários. Esse processo de consolidação do modo de produção capitalista não deixa espaço para a fruição da arte, que, transformada em mercadoria, ficou restrita a um pequeno público, tornando-se objeto de luxo.

A expansão do mercado capitalista promove a universalização da arte, mas, pelas condições de exploração do ser social, o acesso aos produtos artísticos é reduzido e a capacidade de humanizar o mundo, criando formas de atender suas necessidades, tem sido drasticamente afetada.

Na sociedade capitalista, sobretudo na hodierna, a necessidade estética humana se faz pobre, ensejando a elevação do nível de sensibilidade que, conforme sabemos, associa-se às necessidades humanas e aos comportamentos culturais, intimamente ligados às práticas sociais. As formas de apreciação, fruição e catarse estética dos objetos artísticos só farão sentido para aqueles que, tendo superado as necessidades físicas imediatas, desenvolverem, dentro de certo contexto histórico, uma sensibilidade especificamente humana expressa em sua riqueza e plenitude. As expressões artísticas, dessa forma, satisfazem uma necessidade espiritual do ser humano, pois essas manifestações cumprem uma função e seu valor não é determinado pelas propriedades físicas, mas por seu conteúdo humano.

Assim, o desenvolvimento da sensibilidade estética, nesse sistema fundado na exploração, na desumanização e na desigualdade engessa o artista e seu receptor, obstruindo o alcance do gênero humano às objetivações superiores. O homem que produz a obra de arte é revelado na sua criação, mas o desafio expressa-se em entender como a arte pode auxiliar na construção da sociedade comunista.

O núcleo humano de cada indivíduo é convidado, através da obra de arte, a encampar a luta pelo socialismo, pois somente ele, como assegura Lukács (1966b, p. 533), é capaz de envolver “[...] todos os homens e não apenas uma camada relativamente restrita dos cidadãos livres”. Nem a espontaneidade, nem o pragmatismo da vida cotidiana devem orientar essa luta contra a superfície fetichizada que aceita, sem resistência, uma sociedade embrutecida, totalmente reificada.

Muitos trabalhadores têm tomado consciência do seu lugar no processo de produção da sociedade burguesa. Essa compreensão, na medida em que resgata a possibilidade histórica de transformação da vida, poderá empreender uma luta coletiva contra esse modelo de sociedade, considerando que, de acordo com Marx, se os homens foram capazes de construir a sociedade burguesa, eles também serão capazes de construir uma sociedade comunista, restando apenas entre uma e outra a sociedade dividida em classes que, indiscutivelmente, deve ser destruída pela luta revolucionária.

Resta-nos a compreensão de que a arte, por ser humana, expõe a vida dos homens de ontem, de hoje e de amanhã, manifestando-se historicamente dentro de uma determinada época, a partir de seus costumes e de suas possibilidades. Embora condicionada pelo desenvolvimento científico de seu período histórico, a obra pode ultrapassar o seu tempo e permanecer, revelando a luta dos homens pela sobrevivência e pela conquista do reino da liberdade, nos termos de Marx.

As ilhas de civilização humana

A arte, nas suas diversas expressões, é uma das mais complexas objetivações humanas, sendo capaz de refletir as determinações mais essenciais da vida social concreta. Contudo, em tempos adversos, a oferta de um tipo de arte supérflua pode subjugar a capacidade artística do ser social, impossibilitando a reflexão sobre o caráter alienado do trabalho na história da humanidade.

A arte exerce, para Lukács, um privilegiado papel na dialética do movimento social, não sendo possível defini-la com precisão. Considerando a importância para a vida humana e por sua complexidade teórica, o filósofo parte de uma proposta estética profundamente radical. Assim, para estabelecer as relações entre a criação artística e sua especificidade como forma de objetivação humana, Lukács seguiu o caminho do estudo da gênese, das origens históricas da arte, enquanto construção social.

Em sua Estética de maturidade, Lukács procurou entender a arte como forma de reprodução da vida cotidiana. Criticando os pressupostos filosóficos que separam arte de ciência, resguardou-se na teoria do reflexo para encontrar a dimensão material da vida e como esta influenciaria a arte. Nesse sentido, o esteta húngaro defendeu que é fundamental rever a dimensão da objetivação do ser humano, presente tanto na ciência quanto na arte. A humanização do ser social está intimamente ligada a esse processo de objetivação. O autor advertiu, porém, que “[...] se quisermos estudar o reflexo do

cotidiano, da ciência e da arte, interessando-nos por suas diferenças, deveremos lembrar sempre claramente que as três formas refletem a mesma realidade” (LUKÁCS, 1966a, p. 35).

Lukács examinou o processo de objetivação das formas de conhecimento, percebendo a ciência como desantropomórfica, enquanto a religião e a arte seriam antropomórficas. A ciência conduziria os indivíduos a objetivações institucionais determinadas por dogmas. A arte, nesse sentido, seria hostil tanto à ciência quanto à religião. Para Lukács, ciência e arte são formas humanas de apreensão do real e estão em permanente conflito com a religião. Nessa batalha, o humanismo lukacsiano optou pela arte, contrapondo-se aos hostis defensores das visões religiosas e empreendendo todas as forças nessa apaixonada luta, pois somente esse produto humano pode dissipar o mundo dos deuses.

Isso implica, segundo Lukács (1966a, p. 144), por um lado:

[...] o direito soberano do criador artístico de transformar realidade e mitos segundo suas próprias necessidades (e que essa necessidade, determinada e condicionada socialmente não altera o fato básico). Por outro lado, a arte transforma artisticamente em cismundandade toda transcendência, coloca, como uma coisa para representar, no mesmo nível que o propriamente cismundano.

Enquanto poderoso reflexo do mundo real, a arte espelha, através da ficção, a história da humanidade, apontando para a necessidade histórica da “superação radical do modo de produção capitalista” (Tonet, 2016, p. 158). Entretanto, na sociedade cindida em classes, o grande problema que obstaculiza o desenvolvimento integral da humanidade e, por conseguinte, à fruição dos sentidos é a completa negação do acesso à totalidade do processo de conjunto da sociedade. Dentro do capitalismo, a arte trava uma verdadeira queda de braço.

[...] Nos embriões espontâneos, dos quais brota esse tipo de arte, pode às vezes até estar contida uma vontade sincera de exercer oposição. Mas o prender-se na espontaneidade, na sua glorificação teórica e crítica, não permite nenhum desenvolvimento, senão o da interação monótona e estéril de êxtase e embotamento (LUKÁCS, 2016, p. 189).

Na correta acepção do esteta húngaro, mesmo sem a condição de tornarem-se grandes produtores e receptores dos diversos produtos artísticos, os homens podem encontrar as “[...] ilhas esplêndidas da cultura humana” (LUKÁCS, 2016, p. 175).

Tanto Marx quanto Lukács nos forneceram elementos para as conexões entre o trabalho e a arte, enquanto atividade através da qual o ser social toma consciência e dá existência material a sua essência humana. A tarefa da classe trabalhadora, nesse sentido, é construir e organizar as mediações que permitam a unificação da luta para derrotar as

forças ultraliberais e autoritárias que, na busca incessante de lucro, inviabilizam a vida humana. De toda forma, é preciso compreender, que o capitalismo “[...] supera cada vez mais a resistência dos autênticos produtores da cultura” (LUKÁCS, 2016, p. 175).

Ademais, a principal tese dessa força social, totalmente antagônica à promoção da arte, é a renúncia à vida, que engendra nos trabalhadores uma espécie de consciência que os conduz ao conformismo.

Quanto menos comeres, beberes, comprares livros, fores ao teatro, ao baile, ao restaurante, pensares, amares, teorizares, cantares, pintares, esgrimires etc., tanto mais tu *poupas*, tanto maior se tornará o teu tesouro, que nem as traças nem o roubo corroem, *teu* capital. Quanto menos tu *fores*, quanto menos externares a tua vida, tanto mais *tens*, tanto maior é a tua vida exteriorizada, tanto mais acumulas da tua essência estranhada (MARX, 2010, p.141-142).

A obra de arte, dentro da perspectiva marxista, pode refletir as opressões, os descasos e as injustiças, fomentando a resistência popular e a luta do sujeito revolucionário com vistas a promoção da emancipação humana.

Considerações Finais

Procuramos, ao longo do ensaio, compreender a importância da arte, a partir da concepção marxista da realidade, na formação humana, implicando na compreensão de valores humanos comunitários. A produção artística do gênero humano constitui um importante registro de uma conjuntura histórica passada que, à luz da análise lukacsiana, pode assumir uma notável atualidade: assinalar, pela crítica do passado, uma alternativa renovada, para além da barbárie capitalista.

Por fim, entendemos que as formulações aqui apresentadas, inserem-se no debate e podem contribuir especificamente no sentido de ampliação do universo cultural e intelectual da classe trabalhadora, proporcionado um aprendizado estético com finalidades humanizadoras.

A validade das obras de artistas autênticos, apesar da obscura névoa que assola o quadro contemporâneo da existência humana, nos mostra que é possível apreendermos os fundamentos teóricos da crítica marxista da estética e de posse desse valioso arsenal, encampamos a possibilidade ontológica do fim da exploração do homem pelo homem.

Referências

ENGELS, Friedrich. **A dialética da natureza**; prólogo de J.B.S. Haldane. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 3ª ed. (Pensamento crítico, v.8).

KONDER, Leandro. **Os marxistas e a arte**: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista. – 2.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2013. – (Coleção Arte e Sociedade).

LUKÁCS, György. **Estética I**: La peculiaridad de lo estético: Questiones preliminares y de principio. Traducción castellana de Manuel Sacristán. Primera Edición. Barcelona: Ediciones Grijalbo, S. A. Barcelona - Buenos Aires – México, D.F, 1966a.v.1.

LUKÁCS, György. **Estética I**: La peculiaridad de lo estetico: Problemas de la mimesis. Traducción castellana de Manuel Sacristán. Primera Edición. Barcelona: Ediciones Grijalbo, S. A. Barcelona - Buenos Aires – México, D.F, 1966b.v.2.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**; tradução tradução Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. – 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, György. **Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels**. In. MARX, K.; ENGELS, F. **Cultura, arte e literatura**: textos escolhidos; tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. - 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010c.

LUKÁCS, György. **Marx e Engels como historiadores da literatura**; tradução Nélio Schneider; revisão técnica José Paulo Netto; Ronaldo Vielmi Fortes. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. [tradução de Rubens Enderle]. - São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo em seus diferentes profetas (1845-1846); supervisão editorial: Leandro Konder; tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. - São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**; tradução Francisco Raul Cornejo [et al.]. – 2.ed. rev. e ampliada. – São Paulo: Boitempo, 2011.

SANTOS, Deribaldo. **A particularidade na Estética de Lukács**. – São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

SANTOS, Deribaldo. **Estética em Lukács**: a criação de um mundo para chamar de seu – São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

TONET, Ivo. **Método Científico**: uma abordagem ontológica. 2. ed. - Maceió: Coletivo Veredas, 2016